

PETIÇÃO 5.553 DISTRITO FEDERAL

RELATOR : MIN. CELSO DE MELLO
REQTE.(S) : C F G
ADV.(A/S) : SEM REPRESENTAÇÃO NOS AUTOS

DECISÃO: Cabe acentuar, desde logo, que nada deve justificar, em princípio, a tramitação, em regime de sigilo, de qualquer procedimento que tenha curso em juízo, pois, na matéria, deve prevalecer a cláusula da publicidade.

Não custa rememorar, tal como sempre tenho assinalado nesta Suprema Corte, que os estatutos do poder, numa República fundada em bases democráticas, não podem privilegiar o mistério.

Na realidade, a **Carta Federal**, ao proclamar os direitos e deveres individuais e coletivos (art. 5º), enunciou preceitos básicos cuja compreensão é essencial à caracterização da ordem democrática como um regime do poder visível, ou, na expressiva lição de BOBBIO (“O Futuro da Democracia”, p. 86, 1986, Paz e Terra), como “um modelo ideal do governo público em público”.

A Assembleia Nacional Constituinte, em momento de feliz inspiração, repudiou o compromisso do Estado com o mistério e com o sigilo, que fora tão fortemente realçado sob a égide autoritária do regime político anterior.

Ao dessacralizar o segredo, a Assembleia Constituinte restaurou velho dogma republicano e expôs o Estado, em plenitude, ao princípio democrático da publicidade, convertido, em sua expressão concreta, em fator de legitimação das decisões e dos atos governamentais.

Isso significa, portanto, que somente em caráter excepcional os procedimentos penais poderão ser submetidos ao (impropriamente denominado) regime de sigilo (“rectius”: de publicidade restrita), não

devendo tal medida **converter-se**, *por isso mesmo*, em prática processual *ordinária*, **sob pena de deslegitimação** dos atos a serem realizados no âmbito da causa penal.

É **por tal razão** que o Supremo Tribunal Federal **tem conferido visibilidade** a procedimentos penais originários **em que figuram**, como acusados **ou** como réus, **os próprios** membros do Poder Judiciário (**como sucedeu**, *p. ex., no Inq 2.033/DF e no Inq 2.424/DF*), **pois os magistrados, também eles, como convém** a uma República **fundada** em bases democráticas, **não dispõem** de privilégios **nem** possuem gama **mais** extensa de direitos e garantias que os outorgados, **em sede** de persecução penal, aos cidadãos em geral.

Essa orientação **nada mais** reflete **senão** a fidelidade **desta** Corte Suprema às premissas **que dão** consistência doutrinária, **que imprimem** significação ética **e que conferem** substância política *ao princípio republicano*, **que se revela essencialmente incompatível** com tratamentos diferenciados, **fundados** em ideações e práticas de poder **que exaltam, sem** razão **e sem** qualquer suporte constitucional legitimador, o privilégio pessoal **e que desconsideram**, *por isso mesmo*, um valor fundamental à **própria** configuração da ideia republicana **que se orienta** pelo vetor axiológico da igualdade.

Daí a afirmação incontestável de JOÃO BARBALHO (“Constituição Federal Brasileira”, p. 303/304, **edição fac-similar**, 1992, Brasília), **que associa**, à autoridade de seus comentários, **a experiência** de membro da **primeira** Assembleia Constituinte da República **e, também**, a de Senador da República **e** a de Ministro do Supremo Tribunal Federal:

*“**Não há**, perante a lei republicana, grandes **nem** pequenos, senhores **nem** vassalos, patrícios **nem** plebeus, ricos **nem** pobres, fortes **nem** fracos, **porque a todos irmana e nivela o direito (...).**” (grifei)*

PET 5553 / DF

Nada pode autorizar o desequilíbrio entre os cidadãos da República. **Nada deve justificar** a outorga de tratamento seletivo que vise a dispensar determinados privilégios, **ainda** que de índole funcional, a **certos** agentes públicos.

Desse modo, **e fiel** à minha convicção no tema em referência (Pet 4.848/DF Rel. Min. CELSO DE MELLO, *v.g.*), **não vejo** motivo para que estes autos **tramitem em** "segredo de justiça".

Sendo assim, determino a reautuação deste procedimento, **em ordem a que não mais prevaleça o regime de sigilo.**

2. **Ouçá-se**, após, o eminente Procurador-Geral da República sobre a certidão de fls. 126, **notadamente** em face da promoção da ilustre Senhora Vice-Procuradora-Geral da República (fls. 92/93).

Publique-se.

Brasília, 27 de fevereiro de 2015.

Ministro CELSO DE MELLO
Relator